

IMAGENS, DESLOCAMENTOS E ACÚMULOS: PESQUISA SOBRE A FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA PARAENSE

Professor Doutor Orlando Maneschy

Professor Adjunto da Faculdade de Artes Visuais do Instituto de Ciências da Arte da
UFPA

RESUMO: Este artigo aborda a produção visual da fotografia paraense e as relações entre política, arte e vida nas proposições e ações realizadas no projeto Seqüestros: imagem na arte contemporânea paraense.

Palavras-chave: Arte brasileira contemporânea; arte e política; arte na Amazônia; performance.

ABSTRACT: This article is about the visual production of photography in the state of Pará (Brazil) and the relationship between politics, art and life in the proposals and actions done in the project Seqüestros: image in the contemporary art of Pará..

Key words: Contemporary Brazilian art; art and politics; art in Amazon; performance.

A produção fotográfica no estado do Pará vem se destacando de maneira especial, ao longo das últimas décadas, pela expressiva qualidade de seus autores, fotógrafos e artistas visuais, que tem desenvolvido projetos de significativa potência, propiciando relevo nacional e internacional, inscrevendo o Pará na cena cultural brasileira como um dos estados de maior evidência no que tange a criação fotográfica autoral. Este reconhecimento vem se dando, por meio de premiações, participação em projetos expositivos e editoriais, além da integração de parte dessas obras a acervos específicos de arte. Isto tudo vem acontecendo a despeito desta produção não ser amplamente difundida nos centros hegemônicos do país.

Em função desta singular característica da criação visual desenvolvida no Pará, em especial em sua capital Belém, iniciamos em 2006 o projeto de pesquisa *A relação da Imagem nas Artes Visuais: mapeamento da produção imagética na arte contemporânea paraense*, submetido à seleção e aprovado pelo Programa de Recém-Doutor - PARD do Departamento de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPA, sendo desenvolvido a partir de então. O projeto tem como principal objetivo estabelecer uma reflexão sobre os processos artísticos engendrados na cena artística paraense, tomando a fotografia como linguagem base de estudo nos projetos e processos. Articulada por meio de subprojetos, orientados e desenvolvidos por

bolsistas de iniciação científica, a pesquisa propicia também um mapeamento e a ordenação de dados articulados na pesquisa.

Parte desta produção de conhecimento se materializou através da publicação do livro de nossa autoria, *Seqüestros: imagem na arte contemporânea paraense*, lançado em 2007, que delineia um panorama histórico da fotografia no Pará, pontuando momentos expressivos desde o surgimento da fotografia, seus desdobramentos ao longo de movimentos particulares, como o fotoclubismo e o movimento fotográfico dos anos 1980, que gerou diversas associações de autores, por meio de projetos de oficinas, mostras e ações de rua e promoveu o território propício para o surgimento daquela que viria a ser a grande escola formadora da fotografia que se desenvolveu ao longo dos anos 1980 e 1990: a FotoAtiva. Além deste percurso histórico, no livro sinalizamos os processos mais recentes, apontando para um mapeamento da produção emergente e pontuando grupos, percursos e origens da formação desses artistas, além de trazer informações e imagens de obras. No período da pesquisa em que o livro foi editado, contabilizávamos 36 autores que, partindo do fotográfico, desenvolvem projetos visuais autorais estabelecidos no território da arte.

Outra ação importante da pesquisa e sobre a qual iremos nos deter aqui é a mostra homônima que aconteceu durante os meses de julho e agosto de 2006, no Laboratório das Artes do Espaço Cultural Casa das 11 Janelas, em Belém. A exposição ocorreu dentro da programação da reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, dentro da programação dos 50 anos da Universidade Federal do Pará.

Na exposição [*Seqüestros*] *imagem na arte contemporânea paraense* buscamos dar visibilidade para a produção artística catalogada por meio da pesquisa desenvolvida na UFPA, trabalhando o eixo curatorial a partir das operações que se encontram no cerne do ato fotográfico, que é o de capturar, apartar, separar, seqüestrar um fragmento da vida para a bidimensionalidade do suporte, mas também levantamos questões que, de dentro do fotográfico, expandem seu próprio estatuto e que são articuladas pelos artistas ao se relacionar com este ato de apropriação que é a base da fotografia.

Assim, ao elaborarmos o projeto de curadoria, tendo como suporte o mapeamento dos autores que vimos desenvolvendo na pesquisa,

evidenciamos que as operações que decorriam da relação com a fotografia vinham basicamente se dando através de três sistemas operacionais: um primeiro que encontra sua base numa relação de captação direta da imagem de um referente por meio de uma câmera fotográfica, para posterior utilização, dentro de uma perspectiva do que se convencionou chamar de “fotografia direta”; em outro processo a imagem é obtida de maneira direta, mas é trabalhada posteriormente, por meio de interferências manuais e/ou digitais com softwares específicos e escolhemos, ainda, uma terceira forma de criação na qual a imagem é fruto de captação por outras vias que não a fotográfica, como o vídeo ou o scanner, mas que irá gerar no final uma obra no formato fotográfico.

Estas três maneiras de operar a imagem foram destacadas por evidenciarem como, ao longo das três últimas décadas desdobramentos tecnológicos e o acesso mais amplo a novas mídias propiciou um leque de experimentações com a imagem, que puderam ser acionadas de acordo com os projetos estéticos de cada um dos dezessete autores presentes na exposição.

Vale apontar aqui como a fotografia vinha se manifestando neste período. Durante década de 1980 houve um fortalecimento da fotografia como linguagem no Pará, em que uma fotografia direta era elaborada de forma sofisticada na construção de um discurso em torno do que viria a ser uma “visualidade amazônica”, suscitando pesquisas locais e que resultaram em mapeamento dos códigos visuais, seminários e a publicação fruto deste evento: *Artes Visuais na Amazônia: Reflexões sobre uma Visualidade Regional*, editado pela Funarte. É neste período que uma fotografia que passa a olhar para a urbe que se expande começa a se delinear. No início dos anos 1990 um grupo de fotógrafos cujas experiências não se identificam totalmente com os procedimentos dos demais e que estabelecem relações com o espaço, o objeto e o vídeo passam a se reunir e começam a desenvolver um projeto denominado Caixa de Pandora, primeiro grupo a trabalhar com instalações a partir do fotográfico. A experiência do Caixa de Pandora, que se inscreve dentro da “fotografia construída”, um tipo de produção contemporânea para o fotográfico, foi fundamental para alguns fotógrafos paraenses do período, que se sentiam por vezes tolidos dentro do sistema da arte local, pois não eram

considerados nem pelos fotógrafos, nem pelos artistas plásticos por criarem obras que não eram absorvidas com facilidade por esses grupos – divisão que a cena paraense estabelecia.

A partir daí, deste espaço de abertura propiciado pelo Caixa de Pandora, que passou a apoiar projetos de outros artistas-fotógrafos, um espaço mais contaminado passa a se configurar para a imagem fotográfica, estimulando experiências diversas, que só se ampliaram com o surgimento de novas gerações de artistas e fotógrafos provenientes dos cursos de artes das universidades. Além disso, neste ambiente fértil, artistas que não se sentiam confortáveis a se aventurar no uso da fotografia passam a empregá-la em suas obras, propiciando o ambiente complexo no qual vimos trabalhando, fornecendo-nos um material prenhe de possibilidades de articulações.

DESLOCAMENTOS E ACÚMULOS

Tendo conhecimento desse percurso que a fotografia e a arte travaram no Pará, escolhemos artistas cujas obras dessem visibilidade a estes diversos meios de articulação em suas relações com a imagem fixa, escolhendo obras que, em sua constituição, enfatizam processos que vão da ação performática do fotógrafo a do fotografado e, em outros casos, a fotografia final exibida é gerada através de processos diversos.

Foram escolhidas obras de dezessete artistas visuais cuja produção se inscreve dentro do ambiente de uma “fotografia expandida” dentro da cartografia que vimos mapeando no Pará. São eles: Acácio Sobral, Alberto Bitar, Andréa Feijó, Armando Queiroz, Daniele Fonseca, Guy Veloso, Jorane Castro, Keyla Sobral, Lúcia Gomes, Mariano Klautau Filho, Melissa Barbery, Nailna Thiely, Patrick Pardini, Roberta Carvalho e Sinval Garcia. Vamos abordar experiências e processos acionados por estes artistas na criação das obras que estão apresentadas na exposição.

Assim, a mostra tem como uma de suas entradas um conjunto de quatro fotografias em preto e branco de Alberto Bitar. Estas imagens foram obtidas a partir da captação de imagens de um vídeo, da autoria do fotógrafo, chamado *Partida*, em que a sobreposição de detalhes de rostos presentes em uma única fotografia antiga que vão constituindo a narrativa da memória. Assim, os retratos exibidos são frutos dos momentos de fusão de mais de um

rosto, do acúmulo entre a face de dois indivíduos, num processo cíclico da imagem e do tempo, num laço temporal em que a imagem volta à parede, após perder sua densidade no vídeo, mas somando outras informações visuais proveniente do acúmulo de imagem.

Outro projeto que parte da acumulação é o de Acácio Sobral, mas este se dá pela sobreposição do desenho sobre a imagem. Sobral utiliza-se da simplicidade da tinta da caneta esferográfica para desenhar sobre a fotografia, apagando informações, realçando detalhes, num jogo temporal em que a linha parece apontar para o próprio fluxo da vida, como em um diptico em que dois retratos do artista, um recente e outro no período de sua formatura parecem se encarar como que querendo passar a limpo o tempo intervalar entre as duas tomadas fotográficas, na trama do desenho em que se revelam envolvidos.

É sobre o intervalo que vincula dois tempos que o fotógrafo Mariano Klautau Filho vai articular o discurso em suas obras. Em cada obra o artista apresenta duas imagens geminadas, lugares internos e externos estabelecem relações de pertencimento e transitoriedade. É sobre o trânsito da vida dos habitantes da cidade que o fotógrafo vem desenvolvendo seu trabalho, em que a transformação das cidades e a dilapidação do patrimônio arquitetônico são questões caras. A fotografia de Klautau sempre se voltou para o passar do tempo e a arquitetura das cidades e aqui, nestas imagens, a cor é elemento importante para o acesso e as forças, por vezes antagônicas nas imagens que compõem as obras.

Por outro lado é o corpo do indivíduo, numa captação realizada nos moldes mais tradicionais, com luz natural e câmera analógica, o elemento que Sinval Garcia irá acionar em suas performances exclusivas para a câmera. Utilizando-se de referências visuais da história da arte, o artista se fotografa nú em poses que remetem a diversos ícones da história da arte sobre um pequeno pedestal.

As fotografias parecem apontar para uma reflexão sobre o corpo e sua imagem, enquanto representação construída elaboradamente ao longo de séculos. Mas ainda lança mão da fotografia para falar do corpo como elemento escultórico e da permanência e da rigidez da pose, em imagens captadas em períodos longos de tempo, (com cerca de 30 segundos), nesta série intitulada *Automatic-men*.

Andréa Feijó parte de um princípio organizativo para constituir uma proposição em que o corpo também é o mote. São detalhes do corpo, em especial dos pés feridos, sangrando, fruto de escarificações, que irão constituir agrupamentos de imagens, paisagens através das quais os humores são revelados. Estas mesmas imagens iriam depois se desdobrar num projeto de intervenção urbana, assumindo o lugar de azulejos roubados de sobrados antigos.

A paisagem é uma das questões caras a fotografia. Mesmo sendo uma eleição, devido a escolha de ângulos, lentes cortes, luzes e clima, a paisagem como tema é uma recorrência na arte. Construção eminentemente artificial, fruto da mediação do homem com a natureza, a paisagem é um dos assuntos muito presentes na produção de Melissa Barbery, como na vídeo-instalação *Ahora*, em que a idéia de natureza é articulada para falar de vida, tempo e memória. Em [Seqüestros] a artista retira frames do vídeo e apresenta-os como um conjunto de dezesseis pequenas fotografias numeradas, a cada segundo, enfatizando a passagem do tempo e a evasão da vida.

Também calcada na relação com a vida, Lúcia Gomes articula questões políticas, como nas imagens de sua performance *Mêsntro Mostra Monstro Mostarda*, 2006, realizada no Dia Internacional da Mulher, em homenagem à missionária norte-americana assassinada em 2005 na Região Amazônica.

Gomes adentra um canal de uma avenida importante da cidade de Belém com garrafas cheias de tinta vermelha e penetra na tubulação de esgoto de onde irá despejar a tinta que iria tingir todo o canal da avenida. Os registros fotográficos da performance são apresentados na exposição. A artista lança mão da fotografia como forma de registro de suas ações e performances, é aquilo que fica como registro do trabalho.

Estes são apenas alguns dos processos articulados pelos artistas que tomaram parte da exposição. São distintas as formas de acesso para a relação com a fotografia que estes artistas apontam. São operações que engendram desdobramentos que se configuram na cena contemporânea e revelam outro cenário que surge na arte paraense. São formulações fundamentais para a reflexão da produção local, pois apontam para a complexidade das articulações

que estes artistas vêm propondo e que estão ampliando o entendimento do lugar da fotografia e da imagem no contemporâneo.

REFERÊNCIAS:

KRAUSS, Rosalind. *O fotográfico*. Barcelona: Gustavo Gili, SA, 2002.

MAGALHÃES, Angela & PELEGRINO, Nadja, (concepção). *Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo*. Rio de Janeiro: Funarte, 2005.

MAGALHÃES, Angela & PELEGRINO, Nadja, (org). *Amazônia, O Olhar Sem Fronteiras*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

MAGALHÃES, Angela & PELEGRINO, Nadja, (concepção). *Fotografia Contemporânea do Pará – Novas Visões*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

MANESCHY, Orlando. *Seqüestros: imagem na arte contemporânea paraense*. Belém: Edufpa, 2007. OURIQUES, Evandro Vieira (org.). *Artes Visuais na Amazônia: reflexões sobre uma Visualidade Regional. Projeto Visualidade Brasileira – INEP/FUNARTE*. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.

ORLANDOMANESCHY

Artista, pesquisador e curador independente, realiza projetos visuais utilizando a imagem em suas diversas possibilidades de articulação. Professor da UFPA, atua na graduação e pós-graduação na Faculdade de Artes Visuais do Instituto de Ciências da Arte. Vem participando de projetos e publicações de arte no país e exterior.